

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Por

Thaís Lacerda Freitas - RA 71950017

Trabalho de Conclusão de Curso sob a Orientação da Profa. Dra. Rhaisa Naiade Pael Farias, apresentado como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia, do Centro Universitário de Brasília.

Brasília, DF - 2023

A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA APRENDIZAGEM

Resumo

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei 9.394/1996, estabelece que a finalidade da educação básica é o pleno desenvolvimento do educando, o que engloba aspectos físicos, cognitivos, sociais e emocionais. Assim, o professor deve enxergar a criança como um ser completo, e considerar que os sentimentos e emoções fazem parte do contexto educativo. Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo principal compreender o conceito de afetividade segundo a Teoria Histórico-Cultural, e suas implicações em relação aos processos de aprendizagem e desenvolvimento da criança. Para isso, foi realizada uma pesquisa de revisão bibliográfica narrativa. Como conclusão destaca-se que a afetividade na Teoria Histórico-Cultural é vista como uma dimensão essencial da vida humana, e não se trata apenas de uma reação automática a estímulos, mas é mediada culturalmente. Seu papel é essencial para a aprendizagem da criança, pois motiva a construção de significados, atua na regulação emocional e nas interações sociais, contribuindo para o desenvolvimento integral da criança.

Palavras-chaves: Afetividade; aprendizagem; educação.

1. Introdução

A elaboração desta pesquisa surgiu pela preocupação de sua autora em relação à importância da dimensão afetiva no processo de aprendizagem institucional da criança. A escola, cuja a função principal é apresentar o conhecimento historicamente construído pela humanidade às crianças, atua de forma complementar à família. O papel da família é estabelecer vínculos, transmitir valores para o convívio em sociedade, e a instituição educativa, deve contribuir com o desenvolvimento integral da criança para que ela se torne uma cidadã consciente.

Empiricamente observamos que muitas vezes a escola compartimenta a criança e a entende somente a partir de um viés cognitivo somente passando atividades relacionadas à conteúdos da Matemática, Língua Portuguesa e demais áreas do conhecimento formal. Contudo, ressaltamos que a escola lida com seres humanos dotados de emoções e sentimentos, e esse conjunto de fenômenos psíquicos precisam ser levados em consideração no cotidiano institucional.

As emoções referem-se a respostas afetivas intensas e momentâneas que surgem diante de eventos ou situações específicas. Elas são reações automáticas e podem variar de alegria, tristeza, medo, raiva, entre outras. Enquanto os sentimentos são estados emocionais mais duradouros e complexos, que se desenvolvem ao longo do tempo. Eles são moldados pelas experiências pessoais, pelos valores e pelas crenças individuais. E esse conjunto de fenômenos psíquicos são considerados como afetividade.

Assim, emoções e sentimentos são partes constituintes do ser humano e podem influenciar diretamente em seu engajamento, aprendizado e bem-estar na escola. Mas, como estariam as emoções e sentimentos relacionados aos processos de aprendizagem e desenvolvimento das crianças? Em busca de responder a esta questão, o presente artigo tem como objetivo compreender

o conceito de afetividade segundo a Teoria Histórico-Cultural, e suas implicações em relação aos processos de aprendizagem e desenvolvimento da criança. Para tanto, este estudo foi desenvolvido por meio de uma pesquisa bibliográfica narrativa em textos que tratam sobre afetividade a partir da perspectiva da Teoria Histórico-Cultural.

A seguir, o artigo está estruturado em três partes. A primeira parte aborda um panorama sobre a Teoria Histórico-Cultural. A segunda trata da metodologia utilizada para a realização desta pesquisa. Na terceira parte são apresentados os resultados e discussões da pesquisa. Por fim, apresentamos nossas considerações finais.

2. Fundamentação Teórica

Este artigo de natureza teórica, utiliza como principal referência, o autor Lev Semionovich Vigotski, que nasceu em 17 de novembro de 1896. Ele tinha interesses comuns pela história, literatura, teatro e arte. Vigotski aprofundou seus estudos e assumiu “[...] diferentes postos de trabalho, lecionando literatura Russa em escolas, psicologia geral, infantil e nos cursos técnicos de Pedagogia e, também se dedicando às atividades culturais” (PUENTES; LONGAREZI, 2013, p.54).

Vigotski entra em contato com uma nova realidade, a das crianças com problemas com cegueira, surdez, e mental, procura resposta a essas questões, e se interessa pelo trabalho dos psicólogos acadêmicos, “[...] entre muitas outras questões de momento social vividos por Vigotski estava a tentativa de eliminar o analfabetismo e elaborar programas educacionais que desenvolvem as potencialidades de cada criança e de cada jovem” (GERALDI, 2006, p.13). O teórico junto com colaboradores apontou, então, caminhos para a construção de uma educação transformadora e desenvolveram a Teoria Histórico-Cultural, que impactou a educação da Rússia de sua época e, posteriormente, do ocidente.

2.1 Um panorama sobre a Teoria Histórico-Cultural

Na atualidade, a Teoria Histórico-Cultural se mantém inovadora. É uma das principais referências para a educação por valorizar o professor, a ação pedagógica e a escola. Essa teoria tem como um de seus objetivos “caracterizar os aspectos tipicamente humanos ao comportamento e elaborar hipóteses de como essas características se formaram ao longo da história humana e de como se desenvolvem durante a vida do indivíduo” (VIGOTSKI, 1984, p.21).

Vigotski aponta que uma criança é ativa desde os primeiros dias de sua vida, ela formou para si necessidades culturais, como a de ouvir a voz do adulto que cuida dela, vai aprendendo nas experiências que vive, imita as ações dos adultos, pega objetos que se aproximam e atraem sua atenção. Assim, o que a criança vive, experimenta ou faz, é motivo para formar funções psíquicas

como o pensamento, a fala, a imaginação, a memória, a atenção, a autodisciplina ou o controle de sua própria conduta, assim como sentimentos e emoções.

Nessa perspectiva, a cultura e as interações são tidas como mais importantes que aspectos biológicos para o desenvolvimento humano, segundo Vigotski (1995, p. 34 *apud* ASBAHR; NASCIMENTO, 2013, p.421):

A cultura origina formas especiais de conduta, modifica a atividade das funções psíquicas, edifica novos níveis nos sistemas de comportamento humano em desenvolvimento (...) No processo de desenvolvimento histórico, o homem social modifica os modos e os procedimentos de sua conduta, transforma suas inclinações naturais e funções, elabora e cria novas formas de comportamento, especificamente culturais.

Assim, as capacidades biológicas proporcionam a base para o desenvolvimento, enquanto a cultura fornece o contexto e os recursos para a construção de funções psicológicas mais avançadas.

Destacamos ainda que nessa perspectiva, o aprendizado pode ser definido como:

o processo pelo qual o indivíduo adquire informações, habilidades, atitudes, valores, etc a partir de seu contato com a realidade, o meio ambiente, as outras pessoas. É um processo que se diferencia dos fatores inatos, [...] e dos processos de maturação do organismo, independentes da informação do ambiente (a maturação sexual, por exemplo). (OLIVEIRA, 1997, p. 57).

Partindo dessa vertente, é possível compreender que o aprendizado impulsiona o desenvolvimento. Para Vigotski (1996), a criança aprende desde que nasce e o conhecimento é construído na inter-relação com outras pessoas e com o mundo. Por isso, quanto mais variado for o mundo ao seu redor, e quanto mais adultos e parceiros mais experientes a criança tiver, melhor será a sua aprendizagem e desenvolvimento. Por isso, o meio em que a criança vive é tão importante, segundo Vigotski (1994, p. 338):

[...] deve-se considerar o meio não como uma circunstância do desenvolvimento, por encerrar em si certas qualidades ou determinadas características que já propiciam, por si próprias, o desenvolvimento da criança. É sempre necessário abordá-lo a partir da perspectiva de qual relação existe entre a criança e o meio em dada etapa do desenvolvimento.

Assim, é preciso considerar a relação entre a criança e o meio ao analisar o desenvolvimento infantil. Uma vez que o desenvolvimento não é determinado apenas pelas características inerentes do ambiente, mas também pela forma como a criança interage e se relaciona com ele em diferentes estágios de seu crescimento. Isso destaca a importância de uma abordagem contextualizada e relacional para entender o desenvolvimento infantil.

Ademais, para Vigotski (1996), existem dois aspectos qualitativamente diferentes a se considerar no desenvolvimento humano, que são as funções psicológicas elementares e as funções psicológicas superiores.

As funções psicológicas elementares referem-se à origem biológica no momento inicial do desenvolvimento de uma criança, ligados à uma memória mais natural. Por meio da interação com o seu meio cultural as funções psíquicas vão se transformando, ocorrendo o domínio dos significados culturais e avanço do raciocínio pelo sujeito, o que constitui as funções psicológicas superiores (como o raciocínio e atenção, que são funções conscientes intencionais), que consistem no modo de funcionamento psicológico como a capacidade de planejar, memória voluntária e imaginação. Portanto, o aprendizado na escola é influenciado pelo desenvolvimento das funções psicológicas superiores na formação dos conceitos de um modo geral, e dos científicos em particular.

3. Método

Existem diferentes métodos para realização do trabalho científico acadêmico, e é a metodologia utilizada que determina a forma como o pesquisador vai chegar ao objetivo. Assim, o presente trabalho apóia-se em uma abordagem qualitativa. Esta abordagem viabiliza a construção de novos saberes e realidades, e é uma forma aceitável de pesquisa em muitas áreas acadêmicas, pois permite a realização de estudos aprofundados, e oferece maior liberdade na seleção do tema. A pesquisa qualitativa preocupa-se com o estágio de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, trabalha com o universo de significados, de motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes (MINAYO, 2014).

O termo abordagem qualitativa, por não existir tipologia formal ou inventário, ganha novo significado, não se preocupa unicamente em princípios, mas estimula a pensar livremente sobre o tema, interpretar comportamentos e entender os motivos dos fenômenos.

Nas pesquisas qualitativas os dados coletados são ricos em descrição de pessoas, situações e fatos históricos, procurando responder porque certos fenômenos ocorrem, como e porquê. O papel do pesquisador deve ser claro para compreensão adequada da pesquisa. Nas palavras de Brandão (2001, p.13):

A pesquisa qualitativa (...) está relacionada aos significados que as pessoas atribuem às suas experiências do mundo social e a como as pessoas compreendem esse mundo. Tenta, portanto, interpretar os fenômenos sociais (interações, comportamentos, etc.), em termos de sentidos que as pessoas lhes dão; em função disso, é comumente referida como pesquisa interpretativa.

Com base nesses princípios, afirma-se que a pesquisa qualitativa busca identificar aspectos que podem contribuir de maneira positiva no desempenho escolar, uma vez que busca entender o modo e vida de um grupo social, suas visões, crenças e valores e ter caráter inovador.

Há diversas abordagens metodológicas que podem ser adotadas na condução de uma pesquisa qualitativa, como a etnografia, estudo de caso, pesquisa bibliográfica etc. A seguir, discorreremos sobre a pesquisa bibliográfica narrativa.

3.1 Pesquisa bibliográfica narrativa

Considerando as metodologias de investigação, a pesquisa bibliográfica possibilita ao pesquisador ter acesso ao conhecimento já produzido em contato direto pelos registros anteriores. A pesquisa bibliográfica pode ser realizada pelo pesquisador a partir da consulta a diversas bibliotecas e catálogos, muitas vezes, sem a necessidade de deslocamento. A pesquisa pode ser feita na internet com base em dados que possuem credibilidade científica, assim é preciso que o pesquisador interprete, compreenda e verifique o verdadeiro significado, para evitar divergências, deve-se analisar cada informação cuidadosamente.

A pesquisa bibliográfica tem a finalidade de aprimorar e atualizar o conhecimento, através de obras já publicadas. Assim, o pesquisador deverá ler, refletir sobre o que estudou, e reconstruir com base nos fundamentos teóricos. Ela proporciona chegar a conclusões inovadoras do que já foi dito.

Dentre os vários tipos de pesquisa bibliográfica está a revisão narrativa ou tradicional. Este tipo de revisão é um método utilizado para sintetizar e analisar as produções existentes sobre um determinado tema. Nesse tipo de pesquisa, o objetivo principal é revisar e integrar a literatura disponível, proporcionando uma visão abrangente e coerente do assunto em questão.

Explica Ribeiro (2014, p. 676):

As revisões narrativas não informam as fontes de informação utilizadas, o método de busca das referências, nem os critérios utilizados na avaliação e seleção dos trabalhos. São basicamente, análises de literatura publicadas em livros, artigos de revista impressas ou digitais, baseadas na interpretação e análise crítica do autor.

A pesquisa narrativa é uma abordagem qualitativa que se concentra na coleta e análise de narrativas pessoais para compreender experiências humanas. Nesse tipo de pesquisa, busca explorar como as pessoas constroem significados, interpretam eventos e dão sentidos às suas vidas por meio da história que contam. A pesquisa narrativa busca compreender o contexto, as influências culturais e as complexidades subjacentes às histórias contadas. Ela reconhece a importância da subjetividade, da interpretação individual e do poder das narrativas na construção de identidades e significados.

Ao contrário da revisão sistemática, que utiliza métodos rigorosos de seleção e análise de estudos, a revisão narrativa tem uma abordagem mais flexível e subjetiva. Ela enfatiza a

interpretação e a análise dos estudos encontrados na busca, permitindo que o pesquisador contextualize seu tema.

Uma vez que os estudos são selecionados, o pesquisador procede à leitura e à análise dos mesmos, identificando os principais temas e conceitos apresentados. É importante ressaltar que, na revisão narrativa, não há uma síntese estatística dos dados, como ocorre nas revisões sistemáticas. Em vez disso, o foco está na descrição dos estudos. As revisões narrativas são especialmente úteis quando se deseja obter uma compreensão abrangente de um tema complexo e pensar sobre futuras investigações.

Para a realização do presente estudo, buscamos artigos científicos por meio do website do Google Acadêmico a partir das palavras-chave Teoria Histórico Cultural e afetividade. Após a leitura dos resumos, selecionamos aqueles de maior interesse e convergência com o tema. Outros textos foram incorporados ao trabalho a partir de seu conhecimento prévio.

4. Resultados e discussão

No desenvolvimento do percurso teórico deste estudo, inicialmente será apresentado o que é afetividade na Teoria Histórico-Cultural, e a seguir como a Teoria Histórico-Cultural pode nos ajudar a pensar a afetividade no âmbito da educação.

4.1 O que é afetividade na Teoria Histórico-Cultural

É importante destacar que Vigotski não desenvolveu em estudo específico sobre as emoções ou afetos, mas estabeleceu marcos importantes, que ajudam a banalizar o caminho investigativo dos processos emocionais. Um marco nessa perspectiva é que emoções e inteligência são tidas como interligadas e influenciam-se mutuamente.

Vigotski (1996) argumenta que as emoções são um componente integral da estrutura psicológica das funções superiores. Segundo sua teoria, as emoções não são meramente reações subjetivas e individuais, mas sim processos sociais e culturais que desempenham um papel crucial na formação e no desenvolvimento das funções cognitivas avançadas.

Para uma definição sobre emoções e sentimentos, buscamos Batista; Pasqualini e Magalhães (2022, p. 5) que afirmam que:

... as emoções [são] como produto da evolução das espécies e base da esfera afetiva-emocional da atividade humana, estreitamente vinculadas às sensações e à satisfação de necessidades de ordem orgânica, ao passo que os sentimentos são entendidos como formações afetivas que surgem e modificam-se no curso do desenvolvimento histórico da humanidade, na dependência das condições de vida do homem, de suas relações e necessidades.

Nesse sentido, os sentimentos são expressões emocionais intensas e profundas que se manifestam no corpo, na fala e no pensamento. No entanto, diferenciam-se das emoções por terem um caráter mais duradouro e constante. Os sentimentos não surgem apenas a partir de traços positivos ou negativos isolados, mas sim das correlações entre eles. Assim, os sentimentos têm uma natureza histórico-cultural e eles se formam nas inter-relações entre as crianças e aqueles que estão próximas a ela. E nessa convivência aprendem a interpretar e expressar suas emoções, internalizando as formas culturais de compreensão e expressão emocional. Contudo, essa diferenciação entre emoções e sentimentos não serve para colocá-los de forma dicotômica ou fragmentada, mas sim devemos compreendê-los como uma unidade.

Assim, os processos afetivos sofrem influência e se modificam qualitativamente conforme outras funções psicológicas, como a atenção, a memória, o pensamento e a linguagem, desenvolvem-se (GOMES, 2013). Por isso, não podemos compreender as emoções isoladamente, mas como parte do conjunto e de maneira interligadas com outras funções psicológicas, por isso desempenham um papel central na formação da consciência.

Segundo Vigotski, para compreender a dinâmica e o desenvolvimento dos processos afetivos, é indispensável considerar o lugar social que a criança ocupa em seu contexto de relações, suas experiências culturais e suas interações sociais (GOMES, 2013). Deste modo, as emoções passam por mudanças qualitativas ao longo do desenvolvimento da criança, à medida que ela adquire um maior domínio dos instrumentos culturais, sendo a linguagem um dos principais destaques. A linguagem desempenha um papel crucial no desenvolvimento emocional, pois permite que a criança adquira um maior controle sobre si mesma e sobre sua própria conduta. Por meio da linguagem, a criança pode nomear, expressar e refletir sobre suas emoções, o que contribui para um maior autocontrole e regulação emocional.

4.2 Como a Teoria Histórico-Cultural pode nos ajudar a pensar a afetividade no âmbito da educação

A afetividade é vista como uma força motivadora que pode impulsionar o indivíduo a se engajar em uma atividade, interagir com os outros e construir conhecimentos. Quando uma atividade é valorizada e desperta interesse emocional, o aprendizado torna-se mais significativo. Por outro lado, emoções negativas, como o medo ou a frustração, podem interferir na atenção e na motivação, dificultando a aprendizagem.

Ainda em relação ao aprendizado, vale destacar que as relações afetivas e a confiança estabelecida entre os indivíduos são fundamentais para o desenvolvimento de habilidades sociais,

para a regulação emocional e para a construção da identidade pessoal. Por isso, o professor deve estar atento às necessidades infantis e usar palavras positivas e de incentivo.

Segundo Zaporozhets (2002 *apud* BATISTA; PASQUALINI; MAGALHÃES, 2022) postula que as avaliações positivas ou negativas sobre a realização de uma tarefa pela criança pelo professor é algo fundamental para sua execução e posteriores formas de realização desta. Contudo, mais importante que as avaliações positivas, Batista, Pasqualini e Magalhães (2022) afirmam que, as ações mediadoras da professora são mais determinantes para o engajamento emocional das crianças na atividade.

Para Costa e Souza (2006, p. 12):

A afetividade no processo educativo é importante para que a criança manipule a realidade e estimule a função simbólica. A afetividade está ligada à auto-estima e às formas de relacionamento entre aluno e aluno e professor e aluno. Um professor que não seja afetivo com seus alunos fabricará uma distância perigosa, criará bloqueios com os alunos e deixará de estar criando um ambiente rico em afetividade.

Ou seja, o professor desempenha um papel chave nesse processo, atuando como mediador entre o conhecimento culturalmente estabelecido e o aluno. Ele é responsável por criar um ambiente de aprendizagem desafiador e ao mesmo tempo adequado ao nível de desenvolvimento do aluno. Deve estabelecer relações de confiança com as crianças, demonstrando empatia, respeito, cuidado, e reconhecer e valorizar as emoções das crianças, ajudando-as a lidar com seus sentimentos e a desenvolver habilidades socioemocionais. Isso pode incluir a criação de espaços para expressão emocional, o estímulo ao diálogo sobre as emoções e a promoção de práticas de resolução de conflitos em equipe.

É de grande relevância destacar, que a criança aprende por meio da sua cultura e interação com outra a pensar, agir, falar e sentir. Cada sujeito apresenta sua forma de reagir, organizar a construção da vida afetiva é interferida pelas reproduções construídas no contexto cultural ao qual pertence.

É importante compreender que o ser humano transita por situações de conflitos é necessário ter cautela com suas próprias reações e manter o equilíbrio, sem deixar de ser influenciado por essas situações.

Em resumo, a teoria Histórico-Cultural de Vigotski nos ajuda a compreender a afetividade na educação ao destacar a importância das interações sociais, da mediação emocional, da motivação intrínseca, da integração entre cognição e afetividade, e do contexto sociocultural. Ao considerar esses aspectos, os educadores podem criar um ambiente de aprendizagem que valoriza as emoções e sentimentos dos alunos, promovendo seu desenvolvimento integral.

5. Conclusões

Por meio deste estudo, conclui-se que a teoria Vigotski constitui-se como grande valia para o sistema de ensino, pois nos leva a entender o desenvolvimento da criança a partir de diferentes dimensões, além de perceber as crianças como um ser por inteiro e não somente pelo aspecto biológico.

Assim, acredita-se que afetividade, motricidade, o cognitivo e o social desempenham enorme importância na aprendizagem. Nesse sentido, a escola não deve valorizar somente o cognitivo mas também afetos, emoções e relações interpessoais. Se a criança não estiver bem afetivamente, terá dificuldades em sua aprendizagem. Ela deve sempre ser ouvida, ter sua opinião valorizada e suas emoções e sentimentos compreendidos.

Portanto, a afetividade é uma força poderosa na aprendizagem, pois motiva a construção de significados, ela ajuda a dar relevância e importância aos conteúdos e experiências de aprendizagem. Quando uma criança se sente emocionalmente conectada ao que está aprendendo, o processo de aprendizagem de novos conhecimentos se torna mais significativo e duradouro. A afetividade atua também na regulação emocional e nas interações sociais, contribuindo para o convívio com seus pares na escola e, conseqüentemente, para o seu desenvolvimento integral.

Referências

- ASBAHR, Flávia da Silva Ferreira; NASCIMENTO, Carolina Picchetti. Criança não é manga, não amadurece: conceito de maturação na teoria histórico-cultural. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 33, n.
- BATISTA, J. B.; PASQUALINI, J. C.; MAGALHÃES, G. M. Estudo sobre Emoções e Sentimentos na Educação Infantil. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 47, 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/116927>. Acesso em: 14 jul. 2023.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996. BRASIL
- BRANDÃO, C. R.; STRECK, D. R. **Pesquisa participante: o saber da partilha**. Aparecida: Ideias & Letras, 2001.
- COSTA, Keyla Soares da; SOUZA, Keila Melo de. **O aspecto sócio-afetivo no processo ensino-aprendizagem na visão de Piaget, Vygotsky e Wallon (2006)**. Disponível em: <http://www.educacaoonline.pro.br/art_o_aspecto_socioafetivo.asp?f_id_artigo=549>. Acesso em: 22 abr. 2023.
- GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. 4.ed. São Paulo: Ática, 2006.
- GOMES, Cláudia Aparecida Valderramas. **O afetivo para a psicologia histórico-cultural**:

considerações sobre o papel da educação escolar. 2008. 170 f. Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/102219>. Acesso em: 13 maio. 2023.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 14^a ed. Rio de Janeiro: Hucitec, 2014. 408 p.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento em um processo sócio-histórico.** 4. Ed. São Paulo: Scipione, 1997.

PUNTES, Roberto V.; LONGAREZI, Andréa M. A didática na pós-graduação em Educação da Região Sudeste do Brasil. In: LONGAREZI, Andréa M.; PUNTES, Roberto V. (Org.). **A didática no âmbito da pós-graduação brasileira.** Uberlândia: EDUFU, 2016. Disponível em: http://www.edufu.ufu.br/sites/edufu.ufu.br/files/e-book_a_didatica_v7_2015_1.pdf> Acesso em: 19 abr. 2023.

RIBEIRO, J. L. P. Revisão de investigação e evidência científica. **Psicologia, Saúde & Doenças**, v. 15, n. 3, p. 671-682, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/psd/v15n3/v15n3a09.pdf>>. Acesso em: 02 mar 2023.

SOUSA, L. M. M; et al. Revisões da literatura científica: tipos, métodos e aplicações em enfermagem. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Reabilitação**, v. 1, n.1, p. 45-54, 2018. Disponível em: <https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/25938/1/rperv1n1%2Cp.45-54.pdf>. Acesso em: 02 mar 2023.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1996.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem.** S. Paulo: M. Fontes, 1994.